

Título do capítulo	CAPÍTULO 8 O MUNICÍPIO DE BARRA DO QUARAÍ E A TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL- URUGUAI-ARGENTINA: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS
Autores(as)	Fernando Alonso Bolívar Pêgo (Moderador)
DOI	DOI: http://dx.doi.org/10.38116/ISBN978-65-5635-007-3cap8

Título do livro	FRONTEIRAS DO BRASIL: UMA AVALIAÇÃO DO ARCO SUL
Organizadores(as)	Bolívar Pêgo Rosa Moura Maria Nunes Caroline Krüger Paula Moreira Gustavo Ferreira
Volume	5
Série	Fronteiras do Brasil
Cidade	Rio de Janeiro
Editora	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)
Ano	2020
Edição	1ª
ISBN	978-65-5635-007-3
DOI	DOI: http://dx.doi.org/10.38116/ISBN978-65-5635-007-3

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – ipea 2020

As publicações do Ipea estão disponíveis para *download* gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: <http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

**O MUNICÍPIO DE BARRA DO QUARÁ E A TRÍPLICE FRONTEIRA
BRASIL-URUGUAI-ARGENTINA: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS^{1,2}**

Fernando Alonso³



Fonte: Equipe Fronteiras Ipea.

Gostaria de agradecer o convite que o senhor Bolívar me fez, e dizer que trouxe a apresentação focada em nossa região, na questão da Barra do Quará e da tríplice fronteira, a única do estado do Rio Grande do Sul, onde encontramos dificuldades em tratar de acordos binacionais, e ainda assim nós pensamos em acordos trinacionais para a região. Barra do Quará é uma cidade pequena, foi emancipada de Uruguaiana em 1996, tem em torno de 4.500 habitantes e é uma cidade gêmea de Bella Unión (Uruguai), à qual se liga por meio de uma ponte. Também é cidade gêmea de Monte Caseros, na Argentina, para onde não existe ligação rodoviária, apenas por lanchas que fazem a travessia oficial partindo do Brasil e Uruguai, pelo rio (figura 1). Então, quero agradecer aos técnicos do Ipea por terem trazido o evento

1. Esta apresentação está disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/apresentacoes/06_oficina_arco_sul_livro_5_apresentacao_fernando_alonso_v_23_nov_2017.pptx>.

2. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/ISBN978-65-5635-007-3cap8>

3. Vereador por Barra do Quará (Rio Grande do Sul).

à Uruguaiana. Estava previsto para acontecer em Foz do Iguçu, mas existiu essa possibilidade de que se trouxesse para cá, agradeço o esforço.

FIGURA 1

Argentina, Brasil e Uruguai: tríplice fronteira mais austral do mundo



Fonte: Google.

Elaboração do autor.

Obs.: Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Aqui na fronteira a gente vem discutindo a questão de integração e dos muitos problemas existentes. O vereador Irani Fernandes foi muito feliz em ter trazido aquelas ações e os fatos pontuais. Há décadas as coisas não evoluem, seguimos com os mesmos problemas. Nos reunimos para discutir as questões, passa-se um ano, nos reunimos novamente, daqui a cinco anos vamos nos reunir de novo para tratar dos mesmos temas e pouca coisa avança.

Quando soubemos da oficina, estávamos um pouco desintegrados na nossa tríplice fronteira, por vários motivos, mas principalmente por essa desilusão de que as coisas não avançam, porque dependem de decisões governamentais do alto nível, que vêm de Brasília, Montevidéu e Buenos Aires. Sabendo disso, eu e Argemiro Rocha, do Movimento Transfronteiriço de ONGs, tomamos a frente e fizemos uma convocatória. Começamos por reunir as autoridades políticas locais no dia 24 de agosto na Barra do Quaraí, onde fizemos uma discussão preparatória, pensando nesse evento de novembro.

Vale destacar que, no Uruguai, a única cidade que está na tríplice fronteira é Bella Unión, que fica a 6 km de Barra do Quaraí, também única cidade gaúcha em tríplice fronteira, além de Monte Caseros, na Argentina. A nossa região foi

um espaço de muitos conflitos por demarcação de território, então há um tempo, com os acordos e tratados, foi se demarcando a tríplice fronteira. Essa região já foi parte do Uruguai, até o rio Ibicuí, como o Brasil também já teve a propriedade de Colônia do Sacramento, no Uruguai, pois em um dos tratados e acordos o território brasileiro ia até o rio Miriñay (figura 2). Em 1851 se definiu que a fronteira entre Brasil e Uruguai seria o rio Quaraí. Aqui, na Ilha Brasileira, temos um marco imperial que delimita a fronteira com a Argentina (figuras 3 e 4).

FIGURA 2
Tríplice fronteira: Barra do Quaraí-Bella Unión-Monte Caseros



Fonte: Portal Trinacional.

Obs.: Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Eu trago uma imagem mais simbólica (figura 4), para vocês terem a percepção que nós temos da região, e pergunto: será que é assim que o governo federal trata a fronteira? Aqui temos um marco imperial que em outro momento serviu para demarcar a fronteira, e hoje entendemos que ele está na Ilha Brasileira, uma área de integração, no meio do mato, abandonado, sem atenção alguma. Vemos que a região reflete muito do que está nessa imagem. Nós tínhamos um vice-consulado brasileiro que estava instalado em Bella Unión, que não existe mais, não há posto migratório em uma área importante de entrada e saída de turistas, não temos um posto da Polícia Federal no controle migratório, para entrar no Brasil, sendo preciso se deslocar até Uruguaiana para fazer a identificação – e muitos não o fazem –, há relatos de problemas de pessoas que ao entrar não conseguem sair, tendo então que pagar multa. Portanto, pode-se dizer que esta é a atenção que o governo federal dá a esta fronteira.

FIGURA 3
Marcos da fronteira



Fonte: Portal Trinacional.

Obs.: Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

FIGURA 4
Falta de conservação dos marcos da Ilha Brasileira
4A – Marco de 1862



4B – Marco de 1901



Fonte: Portal Trinacional.

Nós temos particularidades que são da região. Na Barra do Quaraí temos uruguaios que já vivem ali há anos, décadas, famílias constituídas, pessoas que foram casadas, às vezes, no Brasil e têm filhos registrados aqui, mas que não deram entrada legalmente no país e não possuem documentação legal, estão lá e convivem harmoniosamente, desfrutam de todos os direitos e benefícios do serviço público municipal. Para contrapor, a figura 5 retrata um trabalho no qual a sociedade civil, com os poderes públicos locais, se organizou e fez uma limpeza nos marcos. Descobri recentemente que para mexer ou limpar nós temos que ter autorização da Segunda Comissão Demarcadora de Limites do Brasil, que fica no Rio de Janeiro. Tamanha é a burocracia no Brasil apenas para poder fazer o procedimento de manutenção e limpeza de um ponto tão importante.

Queríamos que o governo tratasse assim a fronteira, com atenção, olhando e priorizando, e não deixando de lado, abandonada. Nesse sentido de integração, é importante destacar a participação da sociedade civil organizada, principalmente da ONG⁴ Atelier Saladero, da qual eu faço parte. Houve a iniciativa de formar o Movimento Transfronteiriço de ONGs, que congrega ONGs do Brasil, da Argentina e do Uruguai, da tríplice fronteira. Isso demonstra que a sociedade quer a integração e ela o consegue fazer, mas somente a parte da sociedade civil não institucional, porque quando se precisa dos órgãos públicos e dos encaminhamentos oficiais há muita dificuldade.

4. Organização não governamental.

FIGURA 5
Marco de 1862 da Ilha Brasileira limpo



Fonte: ONG Atelier Saladero.

Vou mostrar alguns exemplos para que possamos estabelecer a conexão. O prefeito de Bella Unión solicitou oficialmente o empréstimo de maquinário, caçamba e nivelador para arrumar as estradas no Uruguai. Como contrapartida ele entraria com o combustível e faria o serviço nos finais de semana, para não atrapalhar o trabalho em Barra do Quaraí. A intenção é ótima, a gente sabe que a causa é justa, mas e o nosso prefeito? Em que ele vai se embasar? E se alguém denunciar? Vai ter que responder a denúncia para o Tribunal de Contas do estado, ou para os órgãos de controladoria, e daqui a pouco vai se complicar e ter que pagar multa, e isso gera muito prejuízo.

Então, nós não pudemos ceder o maquinário para o outro lado, para um trabalho que seria em prol do bem público. É uma dificuldade que nós temos nas institucionalidades, e o Movimento Transfronteiriço de ONGs vem para enfrentar isso, enfrentar e dizer para o governo que temos importância. Nesse sentido, houve uma proposta mais relevante, que foi o Corredor Biológico Trinacional, que se baseia, como o vereador Irani Fernandes falou, no conceito de que o rio não é para separar, não é uma fronteira, o rio é para unir. E é uma ideia que nós defendemos junto com ele. O Corredor Biológico Trinacional já existe por natureza, pois o peixe não vai ficar do lado brasileiro porque existe uma fronteira e teria que fazer o controle migratório, isso não existe. Não há fronteira para as aves, para os animais, tanto é que no Parque Estadual do Espinilho têm aparecido animais que não são da nossa região, são animais que vêm da Argentina e adentram o lado brasileiro. Isso é algo que o movimento defende e que já foi questionado às autoridades brasileiras, uruguaias e argentinas, para transformar toda essa área em um espaço

de preservação (figura 6): o Parque Estadual do Espinilho, uma parte dos campos General Ávalos, que é uma área argentina, e o parque Rincón de Franquia, no Uruguai, e que a Ilha Brasileira seja o centro dessa integração.

FIGURA 6
Corredor Biológico Trinacional



Fonte: Google.

Elaboração do autor.

Obs.: Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

A proposta que o movimento está defendendo, cuja causa os governos abraçaram, é uma demonstração que parte do interesse dos três países, de três organizações em busca da integração. O corredor trinacional das aves é importante como atividade turística de fomento à economia, e não é aproveitada ainda. Uruguaiana e Barra do Quaraí são duas cidades das mais importantes para se preservar as aves.

Com relação à fronteira e ao Brasil, por incrível que pareça, para nós fronteiriços, quando o Brasil vai bem, a fronteira não vai, e quando o Brasil vai mal, a fronteira vai bem. A fronteira e as cidades pequenas sentem mais as oscilações da economia, não sei se isso seria tanto em Uruguaiana. As cidades pequenas da fronteira dependem muito do fluxo cambial, então quando o Brasil estava indo bem, o comércio da Barra do Quaraí, que é a base da economia na parte urbana, se desfez e a nossa população acabou indo para outras regiões. Não com o objetivo de buscar algo para crescer, mas por sobrevivência, porque às vezes não se tem dinheiro nem para pagar as contas ou para comprar alimento.

Barra do Quaraí tem cerca de 4.500 habitantes, possui três postos de combustível e supermercados com 150 empregados. No final de semana a cidade fica movimentada; a gente até brinca que tem que colocar sinaleira agora nas ruas,

passarelas, por causa do movimento que está tendo. Nós vemos que, no Brasil, não podemos depender do ciclo de evolução ou de adequação do país. Se nós formos escolher e manter adequado para nós mesmos da fronteira, nós vamos querer que o Brasil siga assim como está, afundado em problemas, porque para nós a situação vai continuar bem. Não queremos depender só disso.

É preciso entender que na fronteira existem coisas que são específicas da região. Quando marcamos de fazer uma reunião lá, cria-se a dúvida se é no horário brasileiro ou uruguaio/argentino. O da Argentina é o mesmo que o do Uruguai, mas nós estamos em horário de verão e há aquela diferença. O comércio trabalha conforme o horário uruguaio, as repartições públicas e os bancos, conforme horário normal do Brasil.

Quanto às discussões da oficina, nós organizamos aquela reunião de 24 de agosto, que foi a primeira depois de mais de dois anos. A distância entre as cidades de Barra do Quaraí e Bella Unión é de apenas 7 km; depois de atravessar o rio, entre Barra do Quaraí e Monte Caseros há uns 9 km. Fazia uns dois anos que não se reuniam as autoridades das cidades, então, com objetivo de nos preparar para esta oficina, nós organizamos a reunião de agosto, e fizemos um evento na cidade de Bella Unión, em 28 de setembro. Convidamos as autoridades locais e estaduais, o José Oliveira esteve representando o Núcleo de Fronteira Trinacional, e tivemos a participação de 109 pessoas, sendo 44 pessoas do Brasil, 34 do Uruguai e 31 da Argentina (figura 7).

FIGURA 7

Evento de integração, ocorrido em Bella Unión (28 set./2017)



Fonte: Núcleo de Fronteira Trinacional.

Estiveram presentes dezesseis cidades diferentes naquele evento, em Bella Unión, em 28 de setembro. Aqui, um número que eu gostaria de destacar: foram 52 instituições com representação. Hoje, nesta oficina, o prefeito da Barra do Quaraí pede

até desculpas por não poder participar; o alcalde Luiz Lopez, de Bella Unión, teve que ir a Montevideú, e não pôde estar presente. Mas para ele foi bom, pois está com empresários franceses que pensam em investir em um plantio para fazer fragrâncias (de perfumes), o que pode gerar, segundo ele, de quinhentos a 1 mil empregos diretos.

O encontro de Bella Unión teve o intuito, também, de preparar propostas, que irei entregar na parte da tarde para vocês. Temos uma ata em que estão bem descritas várias propostas que decidimos em nossa reunião. Há propostas bem interessantes em níveis nacional e local. Vou entregar esse material e gostaria que ele fosse considerado para ser incluído nos resultados da oficina de Uruguiana. Vou destacar, entre várias propostas, uma que tem se defendido muito: a institucionalização de um comitê de fronteira trinacional. Hoje existe um Comitê de Fronteira entre Barra do Quaraí e Bella Unión, pouco atuante, e existe, também, um entre Bella Unión e Monte Caseros. Contudo, não existe um entre as três cidades, sendo esta uma proposta que nós estamos trazendo e a qual gostaríamos que fosse anexada aos encaminhamentos desta oficina, a criação de um comitê trinacional.

Existe um projeto para construir uma ponte entre Brasil, Monte Caseros e Bella Unión, que é um sonho de mais de trinta anos e que está avançando. Já foi feito o estudo de impactos social e ambiental e falta definir a fonte de financiamento para iniciar a obra. Nós acreditamos que, no momento em que a ponte for construída, isso vai trazer muito desenvolvimento para a região. Neste tema, as cidades se declararam cidades irmãs, o que foi uma proposta do prefeito de Barra do Quaraí, em 2002. Os prefeitos se reuniram e já tinham essa vontade de se declararem cidades irmãs, mas naquela época a única cidade que fez algo foi Barra do Quaraí; Bella Unión não fez ato algum e nem Monte Caseros, por isso o ato de Barra do Quaraí se tornou nulo. Nessa reunião de 28 de setembro foi decidido e acordado entre os três intendentes que as cidades se declarariam cidades irmãs. Então, na terça-feira, quando nós recebemos a visita dos técnicos do Ipea, fizemos um ato simbólico em que foram lidos os três atos declaratórios. Cada um tem seu trâmite legal, Monte Caseros aprovou em uma quinta-feira, nós aprovamos na terça-feira seguinte, e Bella Unión aprovou na mesma semana que Barra do Quaraí. Hoje, fruto daquele encontro que nasceu com o objetivo de se preparar para esta oficina, nós já temos a formalização da declaração das cidades irmãs.

O documento que nós conseguimos encaminhar para o Ipea também determina várias ações nas quais os municípios têm de trabalhar em conjunto. Ele traz a proposta de que seja criada uma comissão permanente das três cidades, que se reúna uma vez por mês, ou a cada dois meses, para discutir ações integradas dos três governos e da sociedade civil. Existe, também, o fato de que a Universidade Federal do Pampa (Unipampa) tinha edital para fronteiriços, que utilizava a lei das cidades gêmeas do Brasil. O *campus* da universidade fica em Uruguiana, que faz fronteira com Paso de los

Libres, então para concorrer ao edital o candidato tem que ser da cidade argentina. Nós fizemos a proposta, já apresentada à universidade, de que fosse estendido o programa aos fronteirços de Bella Unión e Monte Caseros. Queríamos que eles pudessem ser assistidos com esse direito, e para nossa alegria foram contemplados. Agora, qualquer cidadão fronteiriço, de qualquer cidade, pode concorrer às vagas em qualquer *campus*.

A dificuldade é a distância e há oferta de poucas vagas. Entretanto, esse é um grande avanço, e nosso sonho é de que as universidades, como a professora Adriana Dorfman falou ontem, que existem para formar e desenvolver conhecimento, também se voltem para desenvolver as regiões do território e auxiliar na sua gestão. Nós entendemos que elas têm que fazer um plano de desenvolvimento integrado. Nós estamos defendendo a região de fronteira, mas serviria para todas as cidades. Nesse plano, como nós dissemos, a fronteira não pode ser vista como se o país não tivesse nada ao lado; do outro lado estão o Uruguai e a Argentina. Esse plano deveria ser construído e faz parte de uma proposta que saiu do seminário de Bella Unión, de que as universidades do Brasil, do Uruguai e da Argentina, em conjunto, desenvolvam um plano de integração da tríplice fronteira. Nós enxergamos a fronteira sem fronteira/obstáculo, esse é o lema que utilizamos em nossos movimentos, é o lema que ficou nos atos declaratórios das cidades irmãs. Sonhamos com uma fronteira desenvolvida de forma integrada, econômica e socialmente. Não adianta pensar só de um lado e se esquecer do outro, porque desse jeito, que é como tem sido feito sempre, não tem havido resultado positivo.

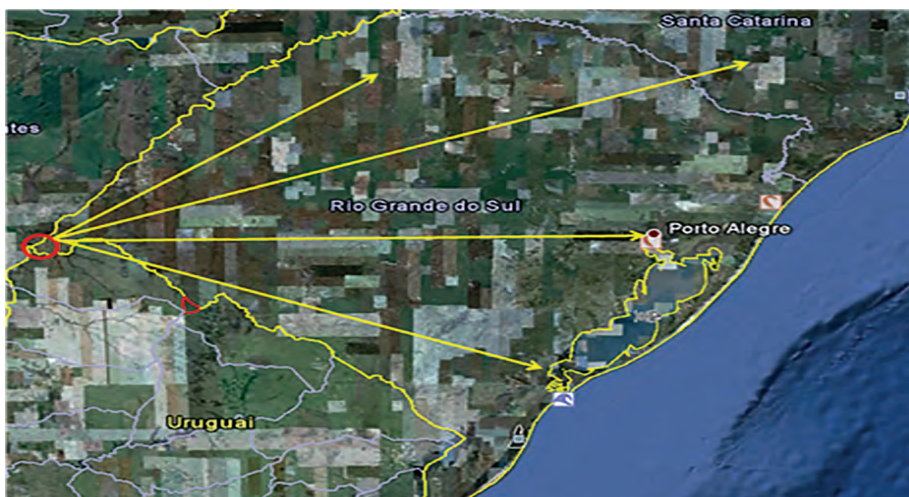
A fronteira é a região menos desenvolvida do estado do Rio Grande do Sul e, do lado uruguaio, as cidades de fronteira, especialmente a cidade de Bella Unión, estão entre as mais pobres da região. Diante de tudo isso que está acontecendo, é necessário que os governos centrais entendam que a fronteira não é mais uma área de disputa de território, mas, sim, de integração e cooperação. Ainda falando das universidades, elas devem dialogar e não fazer como às vezes fazem, quando nos procuram e nós as recebemos para estudos e pesquisas, mas vão ao Parque Estadual do Espinilho para estudar o ecossistema dissociado do outro lado da fronteira. Por vezes vêm fazer estudos e não fazem a correlação com o lado argentino, só se preocupam com o lado brasileiro. Nós precisamos fazer entender que a fronteira é muito mais do que um dos territórios, ela representa o conjunto.

As universidades e os governos são importantes para o desenvolvimento da fronteira. Uma das potencialidades que nós destacamos e temos defendido em todas as oportunidades é a localização geográfica dessa trifronteira. Por mais que pareça distante do grande centro, essa localização possibilita conhecer três países em um curto espaço de tempo, e isso é um diferencial que deve ser levado em conta. Acreditamos no potencial turístico e temos condições de desenvolvê-lo tanto em Barra do Quaraí, Monte Caseros e Bella Unión quanto em Uruguaiana, Paso de los Libres e nas outras cidades. Existe muita

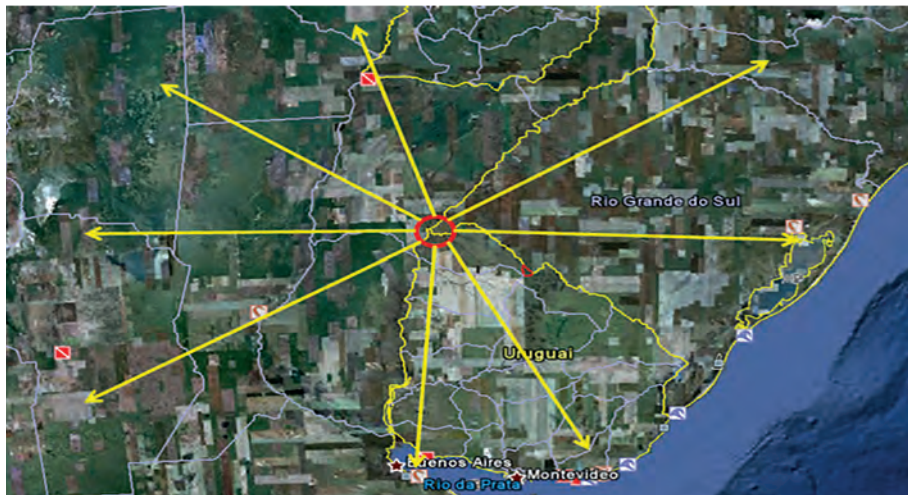
riqueza histórica e cultural nessa região, assim como muita potencialidade natural, temos os rios Quaraí, Uruguai e Miriñay, um observatório de aves, área de conservação, além de turismo de compras com os *free shops* que hoje existem do lado uruguaio. Segundo o próprio alcalde de Bella Unión, nos feriados chegam de quatrocentos a quinhentos argentinos para compras na cidade. Uma gerente de uma grande rede de *free shops* disse que o de Bella Unión só fica atrás do de Rivera. Então, os *free shops* estão desenvolvendo a região de Bella Unión e irão desenvolver a região de Barra do Quaraí e Uruguaiiana. Existe, também, o turismo de pesca esportiva, que muita gente não percebe, mas houve um grande público que costumava pescar no rio Uruguai, do lado de Barra do Quaraí, e não tem vindo mais porque não temos melhores condições de infraestrutura.

Nós pensamos que por mais que sejam três nações, três cidades, idealizamos como uma região com um só povo, não queremos uma abordagem ultrapassada na fronteira, vinda de outras épocas quando o Brasil tinha que marcar território e as fronteiras eram fechadas. Vimos que temos que estar adequados à era da globalização, esse é o olhar que nós gostaríamos que todos tivessem da fronteira, em que entendemos que estamos no centro do Mercado Comum do Sul (Mercosul), que existe no papel, mas na prática não. Nós temos Buenos Aires a 600 km de Barra do Quaraí e Porto Alegre, também, a 600 km. Então, a mensagem que eu queria deixar para vocês é a de que temos condições de desenvolver nossa região e não depender só da situação econômica do país. Defendemos que a fronteira seja vista de forma integrada, e isso nós temos levado a todos os eventos que estivemos (figura 8).

FIGURA 8
Abordagem tradicional para regiões de fronteira
8A – Olhar limitado



8B – Olhar além das fronteiras



Fonte: Google.

Elaboração do autor.

Obs.: Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

É preciso ter o mesmo olhar sobre o lado brasileiro, uruguaio ou argentino, e nós dependemos dos governos federais, pois são eles que elaboram as políticas públicas. Este trabalho do Ipea foi um novo marco divisor que proporcionará estudos mais aprofundados, para que os governos olhem de modo diferente para a nossa região e realmente nos valorizem, o povo que em outra época serviu para defender um território e agora só quer integração e cooperação. Muito obrigado.

Bolívar Pêgo (Ipea – moderador)

Agradeço ao vereador Fernando Alonso pela excelente exposição, trazendo o cotidiano da relação da tríplice fronteira e apresentando várias sugestões de melhoria de políticas públicas. Passo a palavra ao Flávio Berté, representante de Santa Catarina.